



Revista Filosofia Capital
ISSN 1982 6613

Vol. 2, Edição 5, Ano 2007.

**CULTURA XAMÂNICA E SABEDORIA ANCESTRAL
AS RELAÇÕES DE CONFIANÇA COMO VALOR CENTRAL**

Rogério Favilla
rofavilla@uol.com.br

Rio de Janeiro - RJ

2007



**CULTURA XAMÂNICA E SABEDORIA ANCESTRAL
AS RELAÇÕES DE CONFIANÇA COMO VALOR CENTRAL**

Rogério Favilla¹
rofavilla@uol.com.br

Resumo

Por milhares de anos só podíamos contar uns com os outros para aumentar as chances de sobrevivência cotidiana da comunidade num mundo onde se convivia com todos os tipos de perigos e dificuldades. Nesta longa e incrível jornada desenvolveram-se as variedades étnicas, lingüísticas e ideológicas que hoje conhecemos. Esta diversidade tem sido tanto o trunfo adaptativo da nossa espécie quanto à fonte de conflitos e intolerância entre as comunidades humanas, na medida em que elas se etnocentram. Quando elas passam a considerar, narcisicamente, suas cosmovisões e mitologias como sendo o Centro do Mundo (*Axis Mundi*). E, a elas mesmas, as primeiras a serem criadas, como se fossem “os filhos diletos da Criação”. Desta maneira responsável, os novos xamãs, não raro re-lendo, recriando, atualizando de acordo com suas realidades sociais, dentro de suas próprias *mitologias pessoais*, poderão exercer e disseminar as práticas sociais nativas como a organização em conselhos tribais e a distinção pelo mérito verdadeiro. Ao mesmo tempo, por meio dos novos xamãs, servindo de ponte entre os dois mundos tão assimetricamente relacionados, fundamentados no reencantamento da Natureza, que é a visão xamânica da vida, teremos o resgate ecológico necessário à sobrevivência do planeta.

Palavras-Chave: Diversidade – Comunidades Humanas – Cosmovisões – Reencantamento – Planeta

¹ Etnobiólogo, Holoterapeuta e Coordenador do Núcleo de Estudos Transdisciplinares Scientia Una e do Projeto Transcultural Scientia Una, Membro da Comissão Executiva do Movimento Inter-Religioso do Rio de Janeiro e Pesquisador Associado e Membro do Conselho Consultivo do Centro de Estudos Transdisciplinares da Consciência/Escola de Comunicação/UFRJ.



Introdução

Há cerca de 80 mil anos nossos ancestrais *Homo sapiens* deixaram a África para ocuparem todos os recantos e climas do planeta. Mudanças climáticas favoráveis ocorridas neste período da história africana permitiram que os pequenos grupos familiares humanos finalmente cruzassem a última barreira para a sua expansão, o escaldante deserto norte - africano.

Após séculos de aridez intransponível, a chegada de freqüentes ciclos de chuva criou um corredor geográfico por onde os caminhantes ancestrais lograram alcançar a pé o Oriente Médio e, daí, ao longo de milhares de gerações, toda a Europa e a Ásia. Há 30 mil anos chegaram por mar à Oceania; há 25 mil anos cruzaram o Estreito de Bhering para ocuparem então os territórios americanos.

Este incansável avançar por terra, rios e mares, transpondo montanhas, desertos, florestas, geleiras – enfrentando condições climáticas e geográficas extremas – só se fez possível graças às características cognitivas peculiares de nossa espécie, dentre as quais se destaca a nossa capacidade de conexão afetiva grupal, em essência, familiar. Por milhares de anos só podíamos contar uns com os outros para aumentar as chances de sobrevivência cotidiana da comunidade num mundo onde se convivia com todos os tipos de perigos e dificuldades.

Nesta longa e incrível jornada desenvolveram-se as variedades étnicas, lingüísticas e ideológicas que hoje conhecemos. Esta diversidade tem sido tanto o trunfo adaptativo da nossa espécie quanto à fonte de conflitos e intolerância entre as comunidades humanas, na medida em que elas se etnocentram. Quando elas passam a considerar, narcisicamente, suas cosmovisões e mitologias como sendo o Centro do Mundo (*Axis Mundi*). E, a elas mesmas, as primeiras a serem criadas, como se fossem “os filhos diletos da Criação”.



Caçar, pescar e coletar os alimentos animais e vegetais necessários, assim como proteger-se dos predadores e do clima eram tarefas só possíveis para uma espécie sem garras ou presas poderosas porque havia a cooperação social e comunicação inteligente entre os membros dos grupos humanos.

Na consolidação destas relações afetivo-cooperativas distinguiram-se características psico-biológicas, como a postura bípede, a grande capacidade cognitiva e manual, a longa dependência familiar do bebê humano e a linguagem; e também conquistas tecnológicas importantes, como a capacidade de confecção e uso inteligente de artefatos, vestuário e armas letais, a manipulação controlada do fogo e as práticas rituais de êxtase espiritual.

Ao Redor do Fogo

Reunidos em torno do fogo, os ancestrais compartilhavam as aventuras do dia; planejavam e decidiam sobre os problemas e situações que se apresentavam; e contavam, cantavam e dançavam as histórias e experiências acumuladas para os jovens. Na presença do fogo realizavam seus rituais xamânicos de conexão com a Mãe Natureza e o mundo espiritual.

Ou seja, reunidos na segurança do calor e luz, nossos ancestrais, em constante união, estreitaram os laços sócio-afetivos que permitiriam lançar a sua presença e influência nos variados espaços físicos que passariam a ocupar. Esta foi a característica das culturas xamânicas paleolíticas por mais de 80 mil anos até o surgimento das primeiras sociedades agrárias. Há apenas oito mil anos o desenvolvimento das cidades trouxe a fragmentação da unidade tribal através da acumulação individual de riquezas e poder político, da especialização das tarefas e da divisão estrita em classes sociais.

Este movimento acabou por substituir as matrizes paradigmáticas matrifocais cooperativas e integrativas, pelas patriarcais conquistadoras e controladoras, a partir do qual se desenvolveram e estabeleceram as civilizações modernas, em contraponto às culturas xamânicas ancestrais que perduram até hoje.



Estas culturas possuem, em geral, uma visão animista do mundo, onde todas as coisas possuem ou são cuidadas por espíritos dos mais variados tipos e manifestações. Espíritos que podem ser aliados ou adversários podem auxiliar ou atrapalhar, podem curar ou adoecer, que podem ser aplacados ou instigados.

Pode-se entrar no mundo dos espíritos através dos sonhos ou das visões. Pelo sonho fala-se com os ancestrais, familiares e entidades míticas; pode-se aprender sobre as origens das coisas, como curar doenças, como dominar as forças mágicas que compõem a natureza, a fazer feitiçaria. O estado do sonho é tão ou mais real que o da vigília, e nele é que se realizam as maravilhas que mantêm o mundo existindo, funcionando em harmoniosa fluência.

As Experiências Visionárias

É nestas experiências visionárias para contatar o mundo espiritual, e obter conhecimento mágico e sabedoria ancestral, que se fundamentam os costumes e valores das culturas xamânicas. Determinados membros das comunidades vivem na dimensão do Sagrado através de diversas tecnologias que permitem que eles se conduzam e conduzam aos outros membros a estados de consciência diferentes do estado ordinário.

Este é o uso ritual de música, dança jejum, mortificações, privações sensoriais e plantas psicoativas. Sendo que estas últimas tornaram-se, mesmo, o fundamento ritual e simbólico da própria *Identidade Ancestral* em diversas etnias. Como a árvore Jurema (*Mimosa hostilis*) entre os nativos do Nordeste brasileiro, o cactus Peiote (*Lophophora williamfii*) entre os nativos norte-americanos, o cactus Wachuma (*Trichocereus pachanoi*) entre os andinos e os cogumelos mágicos (*Psilocybe mexicana*, *P. aztecorum*, o Teonanacatl - “a carne dos deuses”) das comunidades mexicanas.

Os indivíduos que ocupam o papel de condutores e portadores deste corpo de conhecimento espiritual são categorizados nas ciências antropológicas como “*shamans*” (xamãs), transcrição russa da palavra “*saman*”, termo dos Tunguses siberianos para designar



os seus viajantes do mundo dos espíritos, os conhecedores diretos das histórias ancestrais e do universo espiritual: os detentores da cosmovisão.

Apesar da categoria antropológica do Xamanismo assumir uma generalidade teórica razoável, deve-se de modo constante ter em mente o fato concreto das culturas xamânicas apresentarem diferentes historicidades, cosmovisões, níveis econômicos e formas de organização social.

Este termo tornou-se, a partir do século XIX, a categoria na qual a visão de superioridade racial européia vigente juntava tudo o que julgava “primitivo”, supersticioso e selvagem das “inferiores” culturas tribais, consideradas -quando muito- como apenas “mágico-religiosas”, mas nunca possuidoras de estruturas verdadeira ou superiormente religiosas.

No entanto, a partir da metade do século XX, estudiosos como Claude Lévy-Strauss, Mircea Eliade, Joseph Campbell, Richard E. Schultes, Robert G. Wasson, Darci Ribeiro, Roberto da Matta, Michael Harner e outros abordaram estas culturas mais pro fundamente, utilizando modelos mais apropriados às dinâmicas culturais estudadas. Proliferaram as discussões e as mudanças do paradigma pelo qual os povos xamânicos eram até então vistos, passando-se a uma valorização de suas formas de relações sociais e práticas espirituais.

É neste ambiente que surge de forma gradual e firme, o neo-xamanismo. Nos grandes centros urbanos, durante o movimento contracultural dos anos 60, ele aparece como um movimento espiritual oriundo do universo terapêutico alternativo, devido à proximidade “ideológica”, por assim dizer, já que também baseado no conceito holístico de cura segundo o qual corpo, emoções, mente e espírito articula-se num só sistema interligado (*hólon*), onde o espírito afeta o físico, e o individual se integra ao grupal.



A Dinâmica Familiar e os Conselhos Tribais

Atualmente percebe-se um interesse crescente de inúmeros indivíduos, de diversos segmentos das sociedades urbanas atuais, pelo conjunto de práticas de cura e de valores espirituais oriundos das culturas xamânicas nativas de todos os recantos do planeta. Quais são as razões para que membros pertencentes à moderna sociedade tecno-científica, racional e individualista, voltem seus olhares para o universo arcaico, mitológico e extático-onírico do Xamanismo?

Parte da resposta talvez esteja na percepção profunda por parte destes “novos índios” que os enormes desafios econômicos, políticos, sociais e ecológicos que a humanidade encara no alvorecer do século XXI são, em boa medida, frutos da crise espiritual na qual a aquisição material e individualista eleva-se muito acima dos valores regionais, comunitários e espirituais.

Pressionados fortemente a absorverem a implantação deste modo de vida estressante e fragmentador do ser, estes indivíduos sentem a necessidade de fazer uma ampla revisão dos valores intrínsecos desta sociedade, ouvindo dentro de si um chamado irresistível das origens ancestrais.

O fato é que na busca de soluções para a crise contemporânea encontram-se na releitura destas culturas arcaicas, muitos elementos significativos para a construção de modelos de organização e relações sociais passíveis de inspirar o aprimoramento das instituições democráticas e relacionais da sociedade ocidental moderna. Neste sentido destaca-se principalmente a dinâmica familiar e os conselhos tribais, valores e experiências organizacionais bem sucedidas por muitos milhares de anos a mais do que o tempo que existem as recentes civilizações urbanas.

Os valores familiares, as reverências espirituais aos ancestrais e respeito às manifestações da Natureza compõem o núcleo “ecopolítico” das sociedades tribais, nas quais,



na maioria dos casos, os anciões são profundamente respeitados: a experiência e méritos acumulados por eles são o fundamento da reverência e escuta dos mais jovens. Complementado este conjunto de respeitos totalmente estranhos à sociedade contemporânea, nas sociedades ancestrais as crianças são respeitadas em suas necessidades básicas e orientadas para a manutenção da harmonia comunal, ao mesmo tempo em que são estimuladas a desenvolver as suas capacidades individuais no máximo de suas possibilidades.

Todas as questões são discutidas e decididas em conselhos familiares e tribais, de volta ao redor do fogo sagrado, onde os participantes admitidos têm o pleno direito de manifestarem à vontade os seus pensamentos e, o que é mais importante ainda, de serem verdadeiramente escutados.

A linguagem e a importância contida nos sonhos-visões dos membros da comunidade xamânica são outra dimensão importantíssima que precisa ser compreendida com mais atenção do que em geral o fazemos. Decisões importantes e efetivas são tomadas nestas sociedades a partir destas leituras visionárias. A intuição é valorizada como processo cognitivo válido, integrativo e decisivo.

Os ritos de passagem também são um importante resgate para a contemporaneidade. Há uma noção clara das tarefas e deveres de todos, nas várias fases da vida, que é internalizada através da observação meticulosa dos comportamentos e exemplos cotidianos. Como a maioria destas culturas são ágrafas, elas desenvolveram modos notáveis de memorização das complexas e riquíssimas tradições – de suas cosmovisões – através de símbolos, mitos, ritos, canções e histórias, que só são preservados pelo exercício de uma escuta e de uma observação extraordinárias e extremamente respeitadas. Algo difícil de compreendermos, criados que somos em uma cultura fundada na fala narcísica. Nas sociedades xamânicas, sejam as pinturas corporais, ornamentos, cestuário ou as cerâmicas, todo pequeno aspecto e ato do cotidiano transpira a espiritualidade e a identidade ancestral.



Tudo está organizado de maneira a ancorar a constituição fundamental da identidade, permitindo que cada membro da comunidade saiba quem é e a que pertence, facilitando assim, e muito, o desenvolvimento de pessoas saudáveis e integradas às suas sociedades: assim surge naturalmente um bom caçador, o bom guerreiro, o bom plantador de sua roça, o sustentador de seu grupo familiar, o mantenedor de suas tradições.

A pedagogia nativa é profundamente pragmática e visa preparar o indivíduo tanto para ser autônomo em suas capacidades de viver e se expressar quanto útil na convivência comunitária. Esta pedagogia do respeito à individualidade reflete-se no fato de raramente exercerem-se repreensões violentas às crianças, assim como no fato de entre os adultos não ocorrer ações coercitivas.

Em outras palavras, nenhum indígena impõe ordens a outro indígena, imperando o bom senso e o respeito à vontade de atuação dos indivíduos, a distribuição e aceitação das tarefas necessárias para a harmonia tribal. O sistema de comando é emergencial, ou seja, a liderança surge na medida exata do que é que precisa ser resolvido. O mais capacitado se apresenta e dá a solução da qual o grupo necessita.

Quando os índios xinguanos, por exemplo, se reúnem pela manhã após um bom mergulho na lagoa para distribuírem as tarefas do dia, o fazem de acordo com a disposição de cada indivíduo, tendo-se assim a certeza de que as tarefas estarão completadas no tempo esperado, como o mutirão para a construção ou conserto de uma maloca para uma família. Mesmo quando competem em suas disputas coletivas intertribais, como as lutas *huka-huka* que ocorrem na celebração dos mortos (*Kuarup*), por exemplo, eles são ensinados a não tripudiarem dos perdedores.

Uma Imensa e Valiosa Herança

O Ocidente tem muito a agradecer à cultura xamânica. Nas mais variadas áreas de sua vida. Devemos aos povos nativos, muitas inovações fundamentais sem as quais não



seríamos o que somos. Aos nativos pré-colombianos devemos, entre inúmeras coisas, a rica herança etnobotânica que revolucionou a dietária e a farmacopéia da Europa.

Não apenas apresentaram aos pasmos europeus plantas em si, como o milho, o tomate, a batata, o tabaco, o cacau, a mandioca, o inhame, o feijão, o caju, a batata-doce, o abacate, o pepino, a berinjela, o abacaxi, o palmito, etc., mas também os ensinaram como cultivá-las e prepará-las adequadamente: como retirar da mandioca o ácido prússico, por exemplo. Ao contrário dos que pensam serem os nativos, criaturas obtusas, a arte do cultivo e melhoria genética através da cuidadosa seleção das linhagens e de técnicas sofisticadas de plantio, irrigação e adubagem foram profundamente desenvolvidas pelos ameríndios.

Mas a contribuição destes povos e civilizações vai espantosamente muito além. No campo da reformulação social e política que se prenunciava na Europa do século XVIII, a vida comunal dos índios brasileiros influenciou profundamente as formulações filosófico-políticas de ideólogos da Revolução Francesa como: Montaigne e Rosseau² através dos relatos de cronistas populares como Léry, Thevet e Hans Staden.

Mesmo assim, profundamente beneficiado, o Ocidente retribuiu de forma devastadora. É bem conhecido o trágico resultado da história do encontro entre as sociedades xamânicas das Américas, África, Ásia e Oceânia com a civilização européia a partir do ciclo das grandes navegações no século XVI: doenças mortais ou incapacitantes, escravidão, segregação, alcoolismo, prostituição, estupro, humilhação, ocupação e expulsão de seus territórios, apropriação de seus conhecimentos, destruição de suas crenças ou puro extermínio.

As culturas xamânicas que lograram sobreviver a estes reverses enfrentam o desafio de sobreviverem na atualidade. Os Onges, Sentinelenses e Jarawas das ilhas Andaman, por

² Ver os livros de Afonso Arinos de Melo Franco *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa e As Origens Brasileiras da Teoria da Bondade Natural (publicados pela Coleção Documentos Brasileiros, José Olímpio, Rio de Janeiro, 1937) e citados por Moog, Viana: Pioneiros e Bandeirantes: paralelo entre duas culturas, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 7a edição, 1964.*



exemplo, estão entre as mais antigas comunidades humanas ainda existentes, mantendo sua integridade genético-cultural desde cerca 80-60 mil anos atrás.

Isolados por milhares de anos dos acontecimentos históricos no continente asiático e mantendo-se hostilmente avessos aos ocasionais encontros com navegantes continentais, só vieram a ter contato com as civilizações agrárias e comerciais quando os ingleses ali estabeleceram uma colônia penal. Foi entre os Adamanenses que o antropólogo inglês Radcliffe-Brown realizou seus mais importantes registros e trabalhos etnológicos.

Após a independência da Índia em 1948, as ilhas foram anexadas e ocupadas por colonos indianos. Desde então a pressão civilizatória tem condenado os andamanenses praticamente à extinção cultural. Atualmente sobrevivem apenas cerca de 400 ilhéus originais.

Já no século XX, os povos siberianos ancestrais também sofreram uma enorme opressão cultural por parte do Estado Soviético, sendo rigorosamente proibidos de exercerem abertamente suas práticas espirituais milenares e suas línguas, tendo seus objetos rituais e talismãs sagrados apreendidos e queimados, e seus líderes xamânicos perseguidos, aprisionados, deportados ou mortos.

Os últimos xamãs tradicionais siberianos foram registrados na década de 1930. Desde então, esta cultura ocultou-se no seio das comunidades mais ermas, mas muito do conhecimento tradicional pré-soviético perdeu-se definitivamente. Mesmo assim poucos indivíduos remanescentes ainda conhecem os mitos, usos, as danças e os dialetos tradicionais. Foi este tipo de perda cultural – etnocídio – que se repetiu por todo o globo durante os últimos 500 anos. Uma absoluta falta de diálogo entre as civilizações.

A despeito destas perdas, muitos povos demonstram a determinação de manter ou resgatar a sua originalidade cultural, mesmo que para muitos, isso signifique um intenso contato com o universo ocidental. Seja organizando-se em entidades politizadas e reivindicatórias, seja utilizando as tecnologias e mídias modernas como a internet, ou



estudando e se formando nas cidades para retornarem às tribos com a possibilidade de darem à civilização hoje dominante uma maior compreensão das suas necessidades.

O fato é que os estados nacionais que os envolveram territorialmente ao longo do processo histórico não sabem realmente o que fazer com eles.

O Resgate da Sabedoria Ancestral

O resgate vem ocorrendo não apenas entre os povos xamânicos, mas também nos movimentos espiritualistas neo-pagãos na Europa e nos EUA buscam suas raízes célticas pré-cristãs, como o Neo-Druidismo, os Wiccanos, etc.

Esta tendência é proporcional, muitas vezes, ao abandono das influências da religião cristã, já que o cristianismo teve um papel decisivo no combate e destruição das formas ancestrais de culto a Terra, à fertilidade e aos ancestrais, pressionando estas culturas – de todas as maneiras – no sentido delas se envergonharem de suas ancestralidades e, através da conversão, a negarem suas *identidades ancestrais*.

Foi muito comum nas Américas, por exemplo, a prática institucional de separar as crianças nativas dos pais e enviá-las para conventos, escolas e missões cristãs onde eram punidas se fossem pega falando o idioma natal.

Outro aspecto é o da catequese manipulando a mitologia local de modo a introduzir os conceitos fundamentais do cristianismo através da distorção da hierarquia ritualística enfatizada pela tradição original. Assim substituiu-se entre os Tupis-Guaranis do Brasil o culto ao herói ancestral Jurupari pelo do espírito das tempestades Tupã, até então secundário na ritualística tupi.

Jurupari, o Filho do Sol que outrora criara o código de regras de como viverem em comunhão entre si e com o mundo, foi convertido pelos catequistas em sinônimo do Diabo, um espírito destrutivo e pervertido no lugar do herói ancestral que lhes dera a sabedoria nas artes da sobrevivência, da caça e do roçado.



Missionários “salvacionistas” cristãos, católicos e evangélicos, ainda insistem hoje em subverter as bases culturais originais das comunidades nativas sul-americanas. As religiões “superiores” ainda consideram imperativo retirar estes povos das “trevas do animismo demoníaco” e dar-lhes o “verdadeiro” sentido espiritual da vida.

Mas não foi só a cristandade católica que engolfou os indígenas. Também o protestantismo deixou a sua marca na história recente destes povos. Este é o caso dos nativos das planícies norte-americanas que tiveram o seu modo livre de vida nômade-caçador encerrado através da destruição maciça dos preciosos búfalos e, por fim, pelo golpe fatal que foi o genocídio nas Guerras Índias dos anos 60-70 do século XIX.

A maioria das tribos remanescentes, velhos, mulheres e crianças incluídas, foram transportadas para uma reserva comum no pior solo de Oklahoma, muito longe de seus territórios, em trens fechados e vigiados por soldados. Como os *curumins* brasileiros, as crianças foram apartadas de seus familiares e enviadas a escolas religiosas para “reeducação” e “integração” aos “superiores” valores da nova civilização cristã estadunidense. Para muitos brancos, a Nova Jerusalém prometida por exegeses bíblicas distorcidas, onde se interpretava a permissão da tomada dos territórios dos selvagens destituídos de alma e de Deus, sob o nome de Destino Manifesto.

Demonizada assim a *diferença*, eliminou-se a necessidade de se cumprir tratados com os indígenas (todos foram rompidos unilateralmente), de respeitar e de procurar compreender aqueles que eram os seus antecessores na nova terra.

Hoje temos a possibilidade de redimir esta dificuldade de compreensão da *diferença* e a absoluta falta de diálogo intercultural, constantes na interação histórica entre os Estados (monárquicos e “democráticos”) dominantes e os povos xamânicos por eles englobados.



Só assim poderemos resgatar dignamente, para o nosso próprio bem e de nossos descendentes, os profundos conhecimentos empíricos que eles desenvolveram ao longo de milênios de adaptação, experimentação e observação da Natureza.

Caso contrário, estaremos apenas mais uma vez simplesmente, por exemplo, nos apropriando e explorando economicamente os conhecimentos etnofarmacológicos para a nossa própria comodidade, implantando projetos de ecoturismo ou de exploração “cooperativa” dos recursos das terras indígenas, sempre os tratando como “simpáticos espécimes” culturais exóticos e puramente folclóricos, sem quaisquer lições válidas para o racional

Ocidente.

É o momento de re-olhar e aprender os valores perdidos da celebração significativa, do êxtase espiritual transformador, da pedagogia da independência e liberdade pessoal aliada ao respeito natural aos ancestrais e à relação familiar e comunitária, valores que permitiram a sua sobrevivência e prosperidade nos mais inóspitos ambientes por incontáveis gerações, e mesmo a sobreviverem no mundo contemporâneo.

Só assim os indivíduos urbanos que pululam hoje em toda parte identificados com estes valores tradicionais, e muitos intermediam esta prática responsável. Podem de maneira respeitosa e responsável passar a exercerem o papel de novos xamãs, aprendendo com os xamãs tradicionais e passando este conhecimento fundamental e decisivo para as futuras gerações de maneira a que não cometamos o mesmo erro que nossos antepassados cometeram.

Desta maneira responsável, os novos xamãs, não raro re-lendo, recriando, atualizando de acordo com suas realidades sociais, dentro de suas próprias *mitologias pessoais*, poderão exercer e disseminar as práticas sociais nativas como a organização em conselhos tribais e a distinção pelo mérito verdadeiro.



Ao mesmo tempo, os novos xamãs, servindo de ponte entre os dois mundos tão assimetricamente relacionados, fundamentados no reencantamento da Natureza, que é a visão xamânica da vida, teremos o resgate ecológico necessário à sobrevivência do planeta.

Poderíamos dizer, então, que, de modo geral, temos hoje convivendo, se conflitando e se articulando o Xamanismo Tradicional (paleo-xamanismo) e o Xamanismo Moderno (neo-xamanismo), abrindo-se assim novos espaços de alianças entre as tradições nativas e os membros da cultura urbana, o que aumenta mutuamente a escuta e o tão desejado diálogo entre as civilizações.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1937.

_____. *As Origens Brasileiras da Teoria da Bondade Natural*. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1937.

VIANA, Moog. *Pioneiros e Bandeirantes: paralelo entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 7ª edição, 1964.